

Revista de Literatura, História e
Memória



Dossiê: Literatura e interartes, desdobramentos estéticos e culturais: entrelaçamentos e reverberações da memória, da história, da sociedade e as identidades

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 28 - 2020

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 108-119

DE OPRIMIDO A OPRESSOR: UM ESTUDO DO 'HABITUS', DE PIERRE BOURDIEU NAS OBRAS ANIMAL FARM, DE GEORGE ORWELL E SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS

From oppressed to oppressor: A study of 'Habitus', by Pierre Bourdieu in *Animal Farm*, by George Orwell and *São Bernardo*, by Graciliano Ramos

Renata Kelli Modesto Fernandes¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a postura do porco Napoleão, personagem principal da obra *Animal Farm*, de George Orwell e de Paulo Honório, protagonista do livro *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Cercados pelos muros sociais, ambos os personagens são impossibilitados de romper com sua condição e acabam levados às práticas antigas

de dominação. Reflexões acerca da teoria do 'habitus', de Pierre Bourdieu, norteiam o presente trabalho e oferecem subsídios necessários para a compreensão das relações sociais estabelecidas nas obras estudadas bem como as da vida real. Para além das contribuições de Bourdieu, buscamos abordar a relação entre literatura e sociedade à luz de Antonio Candido.

PALAVRAS-CHAVE: Relações sociais; *Habitus*; Poder; Literatura e sociedade.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze pig Napoleon's behavior, main character of *Animal Farm*, written by George Orwell and Paulo Honório's behavior, main character of *São Bernardo*, written by Graciliano Ramos. Surrounded by social walls, both characters are unable to break their condition and end up leading to old practices of domination. Reflections on the theory of 'habitus' by Pierre Bourdieu guide this work and provide a basis for understanding social relationships established in the books chosen and in the real life. Beyond contributions offered by Bourdieu, we seek to approach the relation between literature and society in the light of Antonio Candido.

KEYWORDS: Social relationships; *Habitus*; Power; Literature and society.

A literatura, influenciada pelo meio social, permite-nos desenvolver um olhar crítico sobre a realidade do mundo ou sobre aquela que nos cerca. A produção literária engajada e comprometida socialmente oferece ao leitor modos de conhecermos a nós mesmos. Por meio dela, tentamos responder às questões vitais, é como se cada personagem nos ensinasse um pouco de nós mesmos.

Na trajetória dos estudos literários, as discussões acerca da relação entre literatura e realidade resultaram em variadas concepções que buscam definir a forma artística a partir da representação ou imitação das realidades existentes. Entendemos que toda obra toma um

¹ Professora EBTT do Instituto Federal do Mato Grosso. Mestre em Estudos Ingleses e Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

contexto como ponto de partida, mesmo aquelas situadas em cenários fantásticos ou utópicos, desse modo, ela é uma representação que resulta de um processo específico de construção.

Na tentativa de entender a estruturação da arte literária, o sociólogo e crítico literário Antonio Candido sustenta, em sua obra *Literatura e Sociedade*, que “o externo (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura tornando-se, portanto, interno” (2006, p. 14). O autor também faz referência “a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (2006, p. 17) para mostrar como deve ser analisado o fator social dentro de uma obra literária. Por isso, para compreender o sentido da obra é necessário reconhecer as evidências concretas exercidas pelos fatores socioculturais sobre a mesma em seu nível interno, considerando que o texto literário toma aspectos da realidade e os devolve de uma maneira operacionalizada pela modalidade discursiva da arte literária.

A representação da realidade, no âmbito deste conceito, é estruturada a partir de elementos composicionais que se integram à narrativa ou, quando a integração é menos feliz, se justapõem a ela. No primeiro caso, a apresentação dos elementos documentários (uma revolução, por exemplo) não é feita através da inserção de um documento, mas como parte constitutiva da ação. No segundo caso, os elementos documentários são apresentados de forma desintegrada à narrativa, eles não se fundem completamente. A força de convicção do livro depende, sobretudo, daquilo que Candido chama de “pressupostos da fatura” (2015, p. 34), ou seja, da ordenação dos elementos composicionais que produzem, na ficção, o senso do real.

Personagens, espaço, tempo, e enredo são os artifícios literários empregados na criação do texto ficcional (forma). As ações dos personagens dão corpo ao enredo que, por sua vez, recria um acontecimento real (contexto), este se funde ao texto e, juntos – forma e conteúdo –, constituem a materialidade da obra literária.

O enredo comporta práticas oriundas das relações sociais estabelecidas pelas personagens. Dessa articulação resulta a matéria (ideias), tomadas por Candido (1976) como valores e significados:

Portanto, os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado, — e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bens realizados. (CANDIDO, 1976, p. 53).

Percebemos que na literatura a realidade oferecida pelo escritor na ficção se funde

com a experiência do leitor proporcionando-o a oportunidade de coexistir frente às temáticas abordadas na obra.

Embalados pelo despertar da consciência crítica, escolhemos para análise, neste estudo, dois grandes romances da literatura: *Animal Farm*, de George Orwell e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Apesar de estarem ambientadas em contextos sócio-históricos diferentes, ambas as obras revelam relações de poder e dominação bastante semelhantes.

Interessa-nos analisar, portanto, a postura dos personagens principais que, cercados pelos muros sociais, acabam levados às práticas antigas, ou seja, saem da posição de oprimidos para a de opressor.

ANIMAL FARM, GEORGE ORWELL

Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo seu pseudônimo George Orwell, foi romancista, ensaísta e crítico inglês do século XX. Nasceu e cresceu em meio a um período de grandes guerras mundiais e crise econômica.

O escritor teve uma vida bastante atuante e dinâmica: trabalhou na polícia imperial na cidade de Birmânia – Índia; passou por período de miséria em Paris e participou da guerra civil espanhola. Com imensa capacidade de descrição de cenas e das características da vida cotidiana, Orwell produziu inúmeros ensaios: *Looking back on the Spanish war*; *A Hanging*; *Inside the Wale*; *Reflections on Ghandi* e muitos outros, bem como renomados escritos jornalísticos e ensaísticos.

A literatura foi um meio que o escritor encontrou de, num período de repressão à liberdade, poder realizar críticas contra o totalitarismo² e a favor do socialismo democrata. Em seu ensaio *Por que escrevo*, o autor afirma que:

Por quinze anos ou mais fiz um tipo de exercício literário diferente: era a composição de uma “história” contínua sobre mim mesmo, [...] mas em pouco tempo minha “história” abandonou seu narcisismo primário e se tornou cada vez mais uma simples descrição do que eu fazia e das coisas que via. (ORWELL, 2005, p. 22-23).

Seguindo essa linha de crítico à política da época, Orwell escreveu duas de suas mais famosas obras: *1984* (1948) e *Animal Farm* (1945). *Animal Farm* foi traduzido para o português com o título *A Revolução dos Bichos*. Nela, o autor utiliza animais como

² Regime de governo do século XX que detinha o controle absoluto sobre uma nação, na esfera pública ou privada. O poder estava centralizado no próprio Estado, a exemplo do Nazismo (com Hitler), o Fascismo (com Mussolini) e Stalinismo (com Stalin).

personagens centrais da narrativa para tecer duras críticas ao contexto histórico-político do período: Revolução Russa³. Os animais, sob o comando dos porcos Major, Bola de Neve, Garganta e Napoleão, assumem o controle da Granja do Solar após expulsarem o proprietário, o senhor Jones. Os animais justificam a revolta contra os humanos alegando exploração nos trabalhos e desigualdade no gozo de privilégios. Assim, o porco Major, líder inicial do movimento, profere o seguinte discurso:

Man is the only creature that consumes without producing. He does not give milk, he does not lay eggs, he is too weak to pull the plough, he cannot run fast enough to catch rabbits. Yet he is lord of all the animals. He sets them to work, he gives back to them the bare minimum that will prevent them from starving, and the rest he keeps for himself. Our labour tills the soil, our dung fertilises it, and yet there is not one of us that owns more than his bare skin. You cows that I see before me, how many thousands of gallons of milk have you given during this last year?⁴ (ORWELL, 2018, p. 7).

Cria-se, portanto, a partir da expulsão dos humanos da Granja Solar e do discurso proferido pelo porco Major, uma postura política que vai reger as atitudes dos animais que habitam aquele ambiente. A este sistema político ficcional é dado o nome de Animalismo.

Os princípios do Animalismo foram resumidos em sete mandamentos. Eles foram fixados na parede da casa e constituídos como a lei inalterável pela qual a vida deles seria regida:

The Seven Commandments

1. Whatever goes upon two legs is an enemy.
2. Whatever goes upon four legs, or has wings, is a friend.
3. No animal shall wear clothes.
4. No animal shall sleep in a bed.
5. No animal shall drink alcohol.
6. No animal shall kill any other animal.
7. All animals are equal. (ORWELL, 2018, p. 17).⁵

Percebe-se, no texto dos sete mandamentos acima, que a nova liderança buscava,

³ As ações narradas na obra estão ambientadas no contexto da Revolução Russa. Esta, por sua vez, pode ser entendida como um complexo processo de movimentos políticos que culminaram na queda do regime absolutista na Rússia e na instauração do primeiro governo de bases marxistas da história.

⁴ O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é muito fraco para puxar o arado, não corre o suficiente para capturar coelhos. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante. Nosso trabalho prepara o solo, nosso estrume o fertiliza e, no entanto, nenhum de nós possui mais que a própria pele. As vacas, que aqui vejo à minha frente, quantos litros de leite terão produzido neste ano? [Tradução nossa]

⁵ Os sete mandamentos: 1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo; 2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas ou tenha asas é amigo; 3. Nenhum animal usará roupa; 4. Nenhum animal dormirá em cama; 5. Nenhum animal beberá bebida alcoólica; 6. Nenhum animal matará outro animal; 7. Todos os animais são iguais. [Tradução nossa].

sobretudo, estabelecer o princípio da igualdade para aquela sociedade. Essa estratégia foi satisfatória durante um período. Os animais se diziam felizes e satisfeitos com o trabalho e com a produtividade, no entanto, os personagens Bola de Neve, Gaganta e Napoleão foram, gradativamente, alcançando privilégios na Granja que os outros animais não possuíam, como, por exemplo, o fato de os porcos passarem a ter leite e maçãs para as suas refeições em abundância.

Os demais animais, percebendo a atitude dos porcos, murmuravam pelos cantos o sentimento de indignação. Contudo, a manifestação de repúdio à atitude dos porcos foi logo silenciada através da justificativa proferida pelo porta-voz dos porcos que alegou haver necessidade de consumo de leite e maçãs por uma razão de saúde:

“Comrades!” he cried. “You do not imagine, I hope, that we pigs are doing this in a spirit of selfishness and privilege? Many of us actually dislike milk and apples. I dislike them myself. Our sole object in taking these things is to preserve our health. Milk and apples (this has been proved by Science, comrades) contain substances absolutely necessary to the well-being of a pig. We pigs are brainworkers. The whole management and organisation of this farm depend on us.[...]”⁶ (ORWELL, 2018, p. 23).

Para além das discordâncias com os outros animais, os porcos Napoleão e Bola de Neve passam a ter desavenças frequentes entre si em diversos aspectos referentes à política agrícola da Granja. As diferenças levaram Napoleão a articular a expulsão de Bola-de-Neve e a sua colocação como líder da Granja. A partir desse ponto, Napoleão intensifica o discurso de proteção à Granja contra os humanos e passa a explorar, excessivamente, o trabalho dos animais.

A postura de Napoleão frente aos ideais de igualdade vai mudando aos poucos: ele passa a usufruir do conforto da casa do senhor Jones; diminui a quantidade de alimento dos bichos; proíbe-os de cantar a música que embalou, inicialmente, a revolução e, por fim, propõe comércio com os humanos dos produtos produzidos na Granja.

Percebe-se, gradativamente, a transformação do comportamento do porco Napoleão. Entranhado de corrupção e individualismo, ele ora apresenta característica animal, ora do humano. Segundo Orwell “*The creatures outside looked from pig to man, and from man to pig, and from pig to man again; but already it was impossible to say which was which* (2018,

⁶ “Companheiros!”, conclamou. Vocês não imaginam, suponho, que nós porcos estamos fazendo isso num espírito de egoísmo e privilégio, não é? Muitos de nós não gostamos de leite e maçãs. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerirmos essas coisas é preservar a nossa saúde. Leite e maçãs (isso já foi provado pela ciência, companheiros) contêm substâncias absolutamente necessárias ao bem-estar do porco. Nós, porcos, somos trabalhadores intelectuais. Toda organização e gerenciamento desta granja dependem de nós. [Tradução nossa]

p. 83).”⁷

SÃO BERNARDO, GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos, o principal romancista da segunda fase do modernismo no Brasil, nasceu no interior de Alagoas e começou, a princípio, sua carreira intelectual como jornalista. Nos seus escritos como jornalista, já apontava preocupação com os problemas sociais do país. Em 1933, publicou o romance *Caetés*; em 1934, *São Bernardo* e em 1936, *Angústia*. Nesse mesmo ano, ainda no cargo de diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública do Estado, foi preso sob a acusação de ter ligação com o partido comunista. Mais tarde, em 1945, filiou-se, efetivamente, ao comunismo.

Em suas narrativas, Graciliano traz à tona reflexões acerca de comportamentos e atitudes do homem moderno incorporando personagens que apresentam dimensões universais a partir de seus problemas pessoais. Paulo Honório, personagem do romance *São Bernardo*, é um exemplo desse homem.

Paulo Honório decide escrever a própria história e a inicia descrevendo as suas características físicas: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro. A idade, o peso, as sobrelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração.” (RAMOS, 2009, p. 12). Em seguida, relata a dificuldade enfrentada no início da sua vida: pobre, órfão e analfabeto teve que enfrentar a dificuldade, muitas vezes, com uso de violência.

O personagem trabalhou duro em situação de exploração; fora enganado em transações financeiras e, a certa altura da vida, acabou preso por empregar a violência após uma desilusão amorosa.

A prisão foi, de certo modo, um marco de liberdade para Paulo Honório. Além de aprender a ler com Joaquim sapateiro, o jovem sai da prisão com um único objetivo: ganhar dinheiro. Essa guinada na visão do personagem leva-o a conquistar a fazenda São Bernardo. Aos poucos, vai possuindo as terras vizinhas derrubando os proprietários com uso de força e violência. Desse modo, Paulo Honório torna-se um grande proprietário de terras e um homem influente.

De posse de uma vida financeira equilibrada, o personagem sente a necessidade de casar-se e ter um herdeiro. Ele, então, conhece a professora Madalena e, mediante a um

⁷ As criaturas de fora olhavam de porco para homem, e de homem para porco, e de porco para homem novamente; mas já era impossível dizer que era quem. [Tradução nossa]

acordo realizado como uma espécie de negócio, a leva para viver na fazenda São Bernardo e destaca as vantagens que o relacionamento trará para ele:

Naquele momento, porém, como já disse, conservavam-se todos em silêncio. Dona Marcela sorria para a senhora nova e loura, que sorria também, mostrando os dentinhos brancos. Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento. (RAMOS, 2009, p. 40).

Seu objetivo mais uma vez é alcançado, entretanto, Paulo Honório não foi capaz de sustentar o relacionamento por muito tempo, seu caráter dominador e desumano permeia a relação com sua esposa. Madalena, sentindo-se pressionada, acaba tirando a própria vida.

A partir da morte da esposa, do distanciamento dos amigos e da derrocada dos negócios, Paulo Honório alcança um momento de lucidez e autocrítica e, assim, profere um discurso mais humanizado:

O que eu estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada. Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo? (RAMOS, 2009, p. 108).

Enfim, Paulo Honório faz uma profunda reflexão de suas ações ao longo dos seus cinquenta anos e, finalmente, parece liberto de um sistema capitalista dominador. Ele passa a perceber a sua condição humana, suas limitações e sentimentos.

A AÇÃO DO *HABITUS* EM *ANIMAL FARM* E *SÃO BERNARDO*

As obras e autores escolhidos neste estudo estão ambientados em espaços e contextos históricos diferentes; todavia, ambos apresentam intenso engajamento social e usam o espaço social como campo de produção literária. Assim, vemos habitar na literatura as diversas facetas da sociedade no campo político, econômico e social, conforme preconiza Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (2006, p. 29). Neste sentido, a obra literária é um produto social que pode influenciar e ser influenciada pelo meio onde ela se

constrói.

Conforme visto nas passagens acima, *Animal Farm* e *São Bernardo* são obras engajadas que configuram uma sociedade controlada de maneira severa por um determinado “líder” autoritário. Autoridade, poder e violência são características marcantes destes enredos.

O personagem Napoleão (protagonista de *Animal Farm*), e Paulo Honório (protagonista de *São Bernardo*) apresentam-se, inicialmente, na condição de oprimidos e, ao longo da narrativa, subvertem essa situação. Ambos descrevem situações de escravização e exploração laborais que enfrentavam enquanto estavam em condição desumana, brutalizada e degradada. Conforme relata Paulo Honório: “Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço.” (RAMOS, 2009, p. 12). Assim como Paulo Honório, o porco Napoleão faz reflexões proferidas através do discurso do representante Major:

“Now, comrades, what is the nature of this life of ours? Let us face it: our lives are miserable, laborious, and short. We are born, we are given just so much food as will keep the breath in our bodies, and those of us who are capable of it are forced to work to the last atom of our strength; and the very instant that our usefulness has come to an end we are slaughtered with hideous cruelty. No animal in England knows the meaning of happiness or leisure after he is a year old. No animal in England is free. The life of an animal is misery and slavery: that is the plain truth.”⁸ (ORWELL, 2018, p. 7).

Diante das condições precárias de sobrevivência, percebe-se que ambas as obras estão embaladas por um princípio esperança⁹, pelo desejo que as coisas possam ser melhores do que são. Assim, em *Animal Farm* temos a revolução como símbolo da esperança concreta e em *São Bernardo* a libertação de Paulo Honório da prisão.

Todavia, percebemos, ao longo da narrativa, que os princípios de articulação dos personagens acabam levando-os para práticas antigas e estes se veem cercados pelos muros sociais que os impedem, efetivamente, de praticarem atitudes diferentes daquelas de dominação. Observamos que no momento em que o porco Napoleão e Paulo Honório atingem posições privilegiadas na comunidade em que vivem, passam a imitar as formas antigas de

⁸ Agora, companheiros, qual é a natureza desta nossa vida? Encaremos a realidade: nossas vidas são miseráveis, trabalhosas e curtas. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento para nos manter vivos e os que podem trabalhar são exigidos até a última parcela de suas forças; e quando nos tornamos inúteis, trucidam-nos com grande crueldade. Nenhum animal na Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer depois de completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida do animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade absoluta. [Tradução nossa].

⁹ Teoria de Ernest Bloch, filósofo marxista alemão, que elaborou uma obra dividida em cinco partes cujos temas são: “os sonhos de uma vida melhor”, ou como ele próprio diz “uma enciclopédia da esperança”; começa com a indagação: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que esperamos? O que nos espera?”.

dominação e poder. Segundo o pesquisador e professor Benjamin Abdala Junior “os atores sociais acabam por terem seus rostos modelados pela incorporação de máscaras sociais, que os levam ao exercício de papéis à maneira antiga” (2013, p. 3).

Entendemos, contudo, que estas práticas estão diretamente associadas ao conceito de *habitus* proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Para Bourdieu, *habitus* é um sistema de disposições: modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma dada circunstância. As disposições, conforme advoga Bourdieu, são adquiridas pela incorporação das estruturas sociais:

habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental de tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural, mas sim o de um agente em acção: tratava-se de chamar a atenção para o ‘primado da razão prática’ de que falava Fichte, retornando ao idealismo, como Marx sugeria nas *Teses sobre Feuerbach*, o ‘lado activo’ do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do reflexo, tinha abandonado. (BOURDIEU, 1989, p. 61).

Baseado no conceito apresentado por Bourdieu, entendemos que estas práticas de dominação que são repetidas pelos personagens principais nas duas obras de ficção são realizadas inconscientemente. O comportamento dominador de Napoleão e Paulo Honório é o resultado de um movimento dinâmico (dialética) entre a ação do sujeito (agente social) e a estrutura social. Essa relação dialética entre *habitus* e situação é entendida como prática. As práticas, então, são as condições subjetivas relacionadas com as condições objetivas da sociedade.

Bourdieu sustenta, ainda, que existe um espaço de embate, de rearranjo, de posições determinadas e de agentes, o qual ele chamou de campo. Campo é o local de disputa em torno dos interesses de uma determinada área, é um espaço social com relações de poder, é tanto um "campo de forças", uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50). Cada um dos campos - os sociais, o político, o intelectual, o da moda, o religioso, por exemplo, é dotado de componentes relativamente comuns para que o poder se efetue: “Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas [isto é, “formadas”] para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc.” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Pensando nas práticas dos personagens que compõem as obras analisadas, é notável que as atitudes de Napoleão e Paulo Honório, de forma análoga, estão pautadas na lógica do capital, cujo objetivo é a promoção do valor individual em detrimento dos valores sociais. Eles exploram os funcionários até o limite de suas forças e realizam negócios ilícitos, muitas vezes com uso de violência física. Essas marcas atribuídas aos personagens podem ser presenciadas no homem moderno e se alicerçam, segundo Marx (2004), na relação do trabalho como ato de produção dentro do trabalho:

A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo dos objetos. O trabalho não cria apenas objetos; ele também se produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens. (MARX, 2004, p. 74).

Para além da dominação baseada no capital econômico, vemos operar nas narrativas outras formas de repressão que ultrapassam o aspecto físico, tangível dos corpos. As relações são afetadas, sobretudo, nos aspectos de ordem emocional, moral e psicológica. Percebemos, nessa perspectiva, a perda da humanidade, a ausência de amor e de valores do personagem Paulo Honório. Um exemplo bastante expressivo é a dificuldade de aproximação afetiva com o filho que, sequer, possui um nome.

Vimos emergir, contudo, dessa relação de dominação aquilo que Bourdieu chamou de poder simbólico:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos << sistemas simbólicos >> em forma de uma << illocutionary force >> mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. (BOURDIEU, 1989, p. 14).

É perceptível as diferentes formas de poder atuando ao longo de toda a narrativa ficcional de *Animal Farm*, contudo, torna-se mais sobressalente na passagem em que Napoleão passa a usufruir do conforto da casa do senhor Jones, a usar as suas roupas, a consumir as bebidas, dentre outros benefícios, e cria determinadas estratégias ideológicas para repreender os demais animais que ousam questioná-lo quanto à sua mudança de comportamento. Dentre estas estratégias estão os discursos de felicidade proferidos por

Napoleão e as estatísticas sempre positivas repassadas pelo porco Garganta. Assim, os bichos da Granja eram mantidos dominados e irreflexivos, sem consciência de sua condição de vítima de uma “violência simbólica”:

As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1989, p. 10).

A falta de reflexividade e a aceitação do sistema são os efeitos provocados pelo campo que, por sua vez, gera uma *doxa*, ou seja, um senso comum. A *doxa* contempla tudo aquilo que, popularmente, é admitido como “as coisas são assim mesmo”. Desse modo, a aceitação do dominado se dá pela naturalização do poder.

Diante da análise das obras selecionadas e das contribuições teóricas empregadas neste estudo, foi possível constatar as marcas do *habitus* perpassando o comportamento dos personagens que, como consequência, permanecem enredados nas armadilhas geradas pelas relações sociais.

Neste sentido, Graciliano e Orwell, enquanto autores engajados política e socialmente, ao carimbarem seus personagens com características do homem moderno, nos leva a refletir sobre relevantes temáticas como: os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais; o papel do homem na sociedade e sobre sua limitação e ausência de liberdade.

Acreditamos, também, que a maneira como foram modificados os princípios ideológicos dos personagens nas obras é a mesma daqueles que representam o povo, ou daqueles que alcançam uma posição privilegiada na sociedade. Ao ingressarem em um determinado campo, assumem e ajustam o *'habitus'* deste campo, conseqüentemente, tornam-se investidos do “capital simbólico”.

Por fim, pensamos que as obras analisadas neste estudo são figurações não apenas da sociedade a qual elas se originam. O alcance delas é universal, pois nelas é possível reconhecer como se portam as relações de poder em diferentes sociedades e a incapacidade humana de lidar com o poder.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio**. Em Abril Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, v. 5, nº 8, 2013.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. vol. 3. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.UER, 2005-2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. *In: O discurso e a cidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/manuscritos-econoc3b4mico-filosoc3b3ficos.pdf>. Acesso: 06/04/2020.
- ORWELL, George. Por que escrevo. *In: Dentro da Baleia e outros ensaios*. Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ORWELL, George. **Animal Farm**. GlobalGrey, 2018. Disponível em: <https://www.globalgreyebooks.com/animal-farm-ebook.html>. Acesso: 06/04/2020.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Recebido: 22/04/2020

Aprovado: 10/08/2020